



"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

***Dar um tempo***: análise sobre a experiência algorítmica na mudança de status de relacionamento no Facebook

***Cândida Nobre***

Doutoranda em Estudos da Mídia, [candidanobre@gmail.com](mailto:candidanobre@gmail.com).  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN)

***Maria das Graças Pinto Coelho***

Professora/pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia e do Programa de Pós-graduação em Educação, [gpc Coelho8@gmail.com](mailto:gpc Coelho8@gmail.com).  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN)

## **Resumo**

O texto reflete a desconexão entre casais e a maneira como este processo ocorre algoritmicamente no Facebook por meio do serviço chamado *Dar um tempo*. Inere que, atualmente, a ferramenta de Zuckerberg atua no rompimento da relação, quando sugere apoio e suporte tão logo se recorre à mudança do status do relacionamento. Observou-se o modo como os usuários percebem a interação da plataforma, bem como a maneira que lidam com suas próprias identidades organizadas nas linhas do tempo. Para tanto, foi realizado, no recorte etnográfico, entrevistas com usuários que passaram pela experiência de “contar” para o Facebook que estavam novamente solteiros. Constatou-se que o rito de mudança de status segue um padrão identificado pela aprendizagem de máquina da plataforma que, no geral, foi bem recebido pelo usuário para lidar melhor com as esferas que envolvem a construção de si, sua relação com o outro e, finalmente, com os demais.

**Palavras-chave:** redes sociais digitais; Facebook; relacionamentos amorosos; status de relacionamento; *Dar um tempo*.



## Introdução

As plataformas de redes sociais digitais têm exercido distintos papéis na vida cotidiana, notadamente no que diz respeito às relações, sejam estas com as instituições, os pares, os relacionamentos amorosos, os familiares ou consigo mesmo. O Facebook, assim, tem se firmado como uma das principais empresas globais de tecnologia. Ao lado do Google e da Amazon, cada uma, à sua maneira, garante os lucros a partir do uso dos rastros e informações que os interagentes disponibilizam em seus perfis pessoais nas plataformas cotidianamente (PARISER, 2012). Em 2012 estimava-se que os usuários do Facebook geravam 500 *terabytes* de dados por dia<sup>1</sup>. Este número tende a crescer a cada publicação de opinião, imagem ou vídeo, juntamente com os resultados gerados por meio do fluxo de reações, comentários e compartilhamentos de tais postagens.

Identifica-se de um lado, empresas e mecanismos capazes de ordenar tais dados de forma inteligente e, sobretudo, lucrativa, por meio da vigilância (BAUMAN, 2014; BRUNO *et al*, 2010). Por outro lado, nestas mesmas ambiências, as complexas elaborações sócio-simbólicas, as narrativas de si, dos sentimentos e das dinâmicas ordinárias, como explicam Sá e Polivanov (2012), constituem-se como parte do processo comunicativo em que se expõe e se revela intencionalmente os elementos de sua identidade. As autoras reforçam ainda que “neste processo de presentificação dos *selves* nesses *sites*, é fundamental o que chamaremos de ‘coerência expressiva’ entre os sujeitos e os materiais dos quais se apropriam” (SÁ; POLIVANOV, 2012, p.3).

O aparente binarismo consiste na natureza dos espaços digitais do século XXI. Dito de outra maneira, “a internet é a grande expressão da ambivalência que podem adquirir algumas tecnologias” (SILVEIRA, 2017). Contribuímos, portanto, para uma economia cujo foco no campo simbólico consiste, dentre outras questões, na construção planejada e consciente de si enquanto conglomerados monetizam tais elementos disponibilizados voluntariamente.

À primeira vista, tal “voluntarismo” pode associar-se equivocadamente a um não planejamento ou consciência da construção de significados dos dados ali expostos. No entanto, variados estudos no campo da Comunicação têm demonstrado o oposto, “contrariando assim o

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/2012-08-25/usuarios-do-facebook-geram-500-tb-de-dados-diariamente.html>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.



argumento sobre a exposição aleatória, indiscriminada e pouco refletida dos atores nas redes” (SÁ; POLIVANOV, 2012, p.3).

A reflexão busca compreender um dos usos possíveis da complexa organização de dados e informações que o Facebook estrutura de cada um de seus usuários e como estes ciberviventes – para usar uma expressão de Silveira (2010) – reagiram a tal utilização em um momento majoritariamente sensível que é a ruptura de um relacionamento afetivo e, em alguma medida, a possível publicização para sua rede social.

Para tanto, foram entrevistadas quatro pessoas com idades entre 18 e 35 anos com o intuito de compreender melhor como elas expressam os seus sentimentos nestes espaços, bem como poderiam lidar com os conteúdos que geraram (ou que ainda poderiam surgir) com os seus agora ex-parceiros. Segundo os entrevistados, a plataforma revelou-se útil para minimização dos danos emocionais que se seguem após o fim do namoro.

### **O algoritmo e os sentimentos**

Sobre o sentir, Perniola (1993) afirma uma mudança profunda ocorrida entre a geração anterior e a atual, tendo sido alterado não apenas o seu objeto, “mas o modo, a qualidade, a forma da sensibilidade e da afetividade” (PERNIOLA, 1993, p.11). O autor explica que o *já sentido* ocupou o lugar do *sentir*. Sobre esta diferença, ao referir-se ao narcisismo, o pesquisador reforça: “não só a imagem de nós próprios não nos pertence completamente, mas até o modo como a sentimos nos parece de algum modo estranho e, por assim dizer, prefixado” (Idem, p.19).

O espaço das redes sociais desponta, portanto, como uma experiência daquilo que o autor nos sugere ainda no início dos anos 1990<sup>2</sup>. O sentir só faz sentido [ou adquire significado] se partilhado, se cumpre com as dimensões estéticas pré-estabelecidas, se se enquadra no sentir de todos os outros sujeitos que partilham daquele espaço. Diante deste tipo de cenário, o autor sugere que se paga um preço alto ao se rebelar na busca de um sentir subjetivo, individual e privado.

---

<sup>2</sup> Publicada a primeira versão em 1991, a obra de Mario Perniola analisa uma sociedade de transição entre os séculos XX e XXI e suas singularidades. Neste sentido, julgou-se necessário destacar que se insere no presente artigo também outros vieses sobre o campo do sentir e dos sentimentos, para além da perspectiva filosófica com bases na *aesthesis*, mais notadamente no campo utilitarista dos algoritmos e relações tecnomediadas.



Predeterminações são o combustível a partir do qual consolida-se a ciência dos dados que se aprimora na compreensão dos sentimentos, revelando um olhar próprio do tecno-humanismo do século XXI. Ademais de tentar compreendê-los e estruturá-los em padrões, de acordo com Harari (2016, p.393), os biólogos começam a explicar também os sentimentos em si como “algoritmos complexos aprimorados pela evolução para ajudar os animais a tomar decisões importantes”:

[...] quando presta atenção a seus sentimentos, está seguindo um algoritmo que a evolução desenvolveu durante milhões de anos e que passou pelos mais duros testes de qualidade da seleção natural. Seus sentimentos são a voz de milhões de antepassados, cada um dos quais conseguiu sobreviver e reproduzir num entorno impiedoso (HARARI, 2016, p.393/394).

Como se vê, é possível a observação do sentir a partir de uma perspectiva algorítmica e, nestes termos, identificar padrões que de outro modo seria difíceis de serem detectados por indivíduos. Além do fato dos algoritmos serem construídos por um número grande de pessoas, não sendo nenhuma delas capaz de reconhecer o todo, atualmente operam nas estruturas e plataformas de mídias digitais aquilo que é definido como *machine learning* ou aprendizagem de máquina. Esta consiste na capacidade que a própria máquina possui de se desenvolver, aprimorar-se e aprender com as próprias dinâmicas diante dos padrões com os quais a máquina se depara.

No site da divisão do Facebook voltada para pesquisas (Facebook Research), o Diretor de aplicação de aprendizagem de máquina Joaquin Quiñero Candela é enfático: “*We seek to advance the state of the art in machine learning for maximum impact, and our efforts form the glue between science and research and Facebook experiences.*”<sup>3</sup>. Em artigo publicado pelo *Facebook Research*, Hazelwood *et al* (2017) mencionam o caráter central do aprendizado de máquina na oferta de produtos e serviços da empresa, bem como seus desafios para organizar e promover experiências relevantes para 2,1 bilhões de pessoas diariamente: “*Facebook’s*

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “Buscamos avançar o estado da arte na aprendizagem de máquina para o máximo impacto, e nossos esforços formam a cola entre ciência e pesquisa e experiências do Facebook”. Disponível em: <https://research.fb.com/category/applied-machine-learning/>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

*machine learning workloads are extremely diverse: services require many different types of models in practice. This diversity has implications at all layers in the system stack*”<sup>4</sup>.

Para O’Neil (2017) um dos problemas centrais desse debate é que a ideia de que os algoritmos são ferramentas científicas cujos resultados possuem uma precisão matemática é um completo equívoco. É possível acompanhar em escolhas realizadas pelo sistema decisões que possuem um caráter antiético ou, para dizer o mínimo, duvidoso. Se é verdade que há softwares capazes de reconhecer se uma mulher está nas primeiras semanas de gravidez a partir do consumo de alguns produtos não tão óbvios a exemplo de suplementos (SILVEIRA, 2017), permitindo um maior lucro das empresas que fazem uso destas informações, recentemente emergiram casos que merecem atenção quanto aos seus impactos sociais.

Javier Salas (2017) menciona diversos constrangimentos propiciados por plataformas como Google (ao omitir para as mulheres a oferta de empregos com melhores salários) e Amazon (ao não dispor de algumas promoções de seu catálogo de livros a bairros estadunidenses notadamente de afrodescendentes e latinos). No caso do Facebook, um dos eventos recentes foi revelado por meio de pesquisa realizada pela organização não-governamental ProPublica<sup>5</sup> e consistiu em permitir que “[...] os anunciantes excluam minorias étnicas de seu target comercial e, ao mesmo tempo, que incluam pessoas que se identificam explicitamente como antissemitas e também jovens identificados por seus algoritmos como vulneráveis e depressivos.” (SALAS, 2017).

Dentre as possíveis razões para um evento como os supramencionados, O’Neil (*apud* SALAS, 2017) aponta o erro na seleção dos dados ou a incorporação de preconceitos presentes na sociedade que a ferramenta realiza para “acertar” padrões. Em seu pronunciamento sobre o caso, Mark Zuckerberg afirmou que irá inserir mais agentes humanos no processo para tentar prevenir eventos futuros. Na prática, há uma improbabilidade de resolver a questão dessa maneira, já que nunca haverá o número de pessoas suficientes para lidar com o grande montante de dados gerados dia após dia – afinal, foi para lidar com essas demandas que o sistema foi desenvolvido dessa forma.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “As cargas de trabalho da aprendizagem da máquina do Facebook são extremamente diversas: os serviços exigem muitos tipos diferentes de modelos na prática. Esta diversidade tem implicações em todas as camadas do sistema.”

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.propublica.org/article/facebook-enabled-advertisers-to-reach-jew-haters>. Acesso em 25 de setembro de 2017.



O sentimento pode, portanto, não apenas ser tratado ele próprio como um algoritmo em si, mas também pode-se ter os sentimentos mais complexos ordenados, segmentados, articulados e mensurados por uma plataforma cujo interesse final é perceber muito mais a dimensão de consumidor e muito menos a de cidadão ou indivíduo, como poderiam supor os ideais humanistas<sup>6</sup>. Conforme menciona Silveira (2010, p.79), em uma reflexão possível a partir de Deleuze (1992), nesta economia, “interessa menos o indivíduo em toda a sua subjetividade e especificidade, e mais o indivíduo enquanto uma variação do padrão a que pertence e que ajudou a identificar”.

Neste sentido, a empresa é capaz de disponibilizar produtos e serviços feitos para aquela ocasião, sendo tão preciso nas suas sugestões e na compreensão de sentimentos dos usuários que seria um equívoco pessoal não seguir suas recomendações (HARARI, 2016). O caso de estudo deste artigo é, portanto, um exemplo de um desses serviços possíveis.

### **Como funciona o recurso *Dar um tempo***

Se as plataformas de redes sociais digitais são o campo da performance dos atores e ambiente de construções identitárias de modo geral planejadas mediante os seus vínculos sociais diversos, os relacionamentos amorosos seguramente ocupam uma parte considerável nessas narrativas de si. Sobre este aspecto da performance dos perfis pessoais, Santos (2016, p.4) pontua:

[...] existe uma série de fatores que entra em jogo quando abordamos este tipo de questões, entre as quais podemos mencionar a predisposição dos indivíduos em relação á virtualidade, leia-se o seu próprio jeito de assumir a tecnologia e agir nela, e os efeitos que têm na construção das narrativas virtuais individuais o fato de estar ou não em um relacionamento amoroso, e se efetivamente esse estado influência de algum modo o jeito das pessoas se apresentarem para os outros em público.

Percebe-se as variações desses fatores dentre os quatro entrevistados deste artigo como será visto no próximo tópico. Por ora, destaca-se que o término de um relacionamento amoroso, por mais pacífico que seja, é sempre a ruptura de um laço forte e, portanto, carregado de

---

<sup>6</sup> Identificamos, no entanto, a partir de Canelini (2010, p.14), que o consumo “como um espaço que serve para pensar, e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades”, o que revela, portanto, a complexidade do fenômeno em questão.



desgastes e momentos sensíveis. Santos (2016, p.10) reforça como esta dificuldade se reflete no uso das redes sociais digitais: “uma vez que seu relacionamento com C. terminou foi difícil para ele ter que eliminar esse evento do Facebook [...]”.

Neste âmbito, não se sabe exatamente a partir de que mês, mas em 2017, os usuários do Facebook se depararam com uma nova rotina ao mudar o status do relacionamento na plataforma. Ao realizar a alteração, segue-se um breve questionário, como mostram as figuras abaixo:

**Figura 1 - Mudança no status do relacionamento**



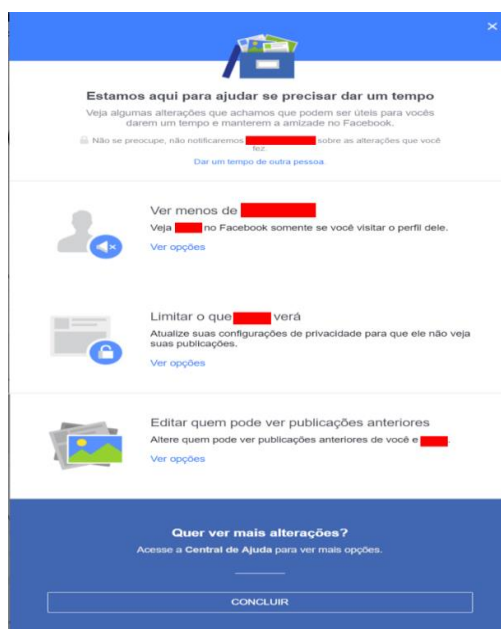
**Fonte:** acervo da autora

No primeiro momento, visualizado na figura 1, aparece a imagem da pessoa com quem o usuário formava um casal acompanhada da frase “estamos aqui para ajudar se precisar dar um tempo”. Ainda sem a versão em português, na central de ajuda é possível ter acesso ao que se propõe o mecanismo “dar um tempo” (*take a break*)<sup>7</sup>. Por padrão, a ferramenta sugere algumas possibilidades. Elas são mais explicitadas em um menu que segue tão logo o usuário clica em “começar”, como pode ser visto na figura 2:

---

<sup>7</sup> A página sugere o seu uso para as mudanças de status do relacionamento, no entanto não descarta a possibilidade de uso para outras formas de relações. Em 2018, na versão mobile, é possível verificar a presença do ícone “dar um tempo” para alguns usuários da plataforma. Disponível em: [https://www.facebook.com/help/528503773982303?locale=en\\_US](https://www.facebook.com/help/528503773982303?locale=en_US). Acesso em 19 de dezembro de 2017.

**Figura 2** - Opções após mudança do status do relacionamento



**Fonte:** acervo da autora

Nota-se que as sugestões do menu dispostas na figura 2 apresentam-se com três vieses. O primeiro deles centra a atenção no *usuário* que pode optar como será sua nova relação com a outra pessoa. Para tanto, o Facebook sugere ver menos postagens daquele perfil – e isto implica tanto as próprias postagens daquele usuário como as publicações em que ele for marcado por outros laços da rede – e, em um segundo nível, bloquear ou desfazer a amizade.

O segundo aspecto sugere um gerenciamento acerca do que *o outro* poderá ou não visualizar (o que também inclui não apenas as próprias publicações, mas também aquelas em que o usuário é marcado) e por fim, o modo como esta relação, uma vez exposta em publicações anteriores e compartilhadas na rede, será a partir de então apresentada *aos demais* membros da rede social do usuário. Nesta última opção é possível ocultar tais eventos da própria linha do tempo e impedir a visualização de perfis que não estejam marcados nas publicações.

Na página em que explica o *Dar um tempo*, o Facebook sugere ainda a ocultação da conversa no aplicativo Messenger, pertencente ao conglomerado, e a mudança de foto do perfil. Percebe-se que esse menu de sugestões nada mais é do que um roteiro comum entre os usuários da plataforma ao se depararem com a ruptura de um relacionamento amoroso. No entanto, agora ele está devidamente ordenado com base na aprendizagem que a máquina desenvolveu sobre como os indivíduos lidam com a situação. Até mesmo a sugestão de mudar a foto do perfil já





havia sido identificada por Santos (2016, p.10): “As estratégias iniciais adotadas por L. para performar essa nova etapa da sua vida começaram quando decidiu mudar sua foto de perfil e capa, como uma espécie de tentativa de renovação dos seus elementos de apresentação virtuais básicos”.

### **Apresentação dos casos**

Para a organização dos dados coletados e apresentação do material, foram realizadas quatro entrevistas cujo direcionamento consistia na compreensão da relação dos indivíduos entre si e entre eles e seus modos de performance e interação considerando a ocupação das plataformas nos espaços digitais de um modo geral (RECUERO, 2017). Destaca-se que a escolha da entrevista em profundidade (DUARTE, 2008) como procedimento metodológico permite uma compreensão do fenômeno em questão, na medida em que tal escolha implica numa construção relacional entre as pesquisadoras e os entrevistados. A escolha de entrevistas em formato semi-estruturado permitiu, por fim, um ordenamento de possível relação entre as situações de cada um dos indivíduos, mas sem desconsiderar seus contextos subjetivos e pessoais.

Salienta-se ainda que a realização da coleta das informações em momentos particulares tendo apenas a presença das entrevistadoras e do entrevistado revela-se como estratégia capaz de considerar os contextos distintos e os elementos indiciais [entonação de voz, conforto ou desconforto ao tratar de determinados assuntos, escolhas do modo como representava na resposta os ex-namorados e assim por diante] como fatores que contribuem para uma aproximação de elementos etnometodológicos reveladores para os resultados. Dessa maneira, compreende-se que há alguns traços dos procedimentos etnográficos que foram utilizados para a compreensão da questão [seleção de informantes, mapeamento do campo, transcrição de textos], mas a ausência de um outro conjunto de técnicas [como a elaboração de um diário de campo, por exemplo] impede a afirmação de se tratar de uma pesquisa etnográfica em si. Dito isto, seguem os relatos.

Quando E., 31 anos, resolveu mudar o status do relacionamento para solteiro no Facebook, ele ainda não estava plenamente recuperado do fim. Sua relação, que durou um ano e quatro meses, encerrou em maio de 2017. O namoro era pouco evidenciado nas redes sociais digitais de um modo geral e E. atribui isto ao fato do seu namorado não gostar de se expor. Ademais, a homossexualidade de seu parceiro era desconhecida por alguns membros da sua



rede, o que exigia uma certa discrição: “tinha um pedaço da família dele que não sabia, mas aí de vez em quando eu postava algumas coisas e não marcava ele”. O status do relacionamento, contudo, era disponível: “os dois tinham público que estavam em um relacionamento sério, mas não aparecia com quem era”.

O relacionamento de V. era mais longo. Foram quatro anos e sete meses e quando terminou, no dia 27 de março de 2017, ela tinha 22 anos. V. era mais presente nas redes sociais digitais do que o seu parceiro e, segundo ela, costumavam postar sobre a relação apenas em situações especiais como viagens, por exemplo. No entanto, tinham o hábito de marcar um ao outro em conteúdos com os quais tinham afinidades: “era o que a gente mais fazia no Facebook. Marcar em memes, convidar pra eventos, e quando tinha matéria sobre séries também.”.

Demonstrar a lembrança do outro por meio de marcações em conteúdos não necessariamente relacionados ao namoro, mas a assuntos comuns ao casal era também um dos hábitos de S., 35 anos: “todos os dias normalmente a gente marcava alguma coisa ou do que a gente estava falando ou quando se lembrava um do outro [...]. Neste ponto era mais ele que me marcava.”. A relação durou oficialmente três anos e três meses, chegando ao fim em julho de 2017: “mas a gente se conheceu e começou a ficar em dezembro de 2013”, ou seja, quatro meses antes do que consideravam a data oficial. Este é um ponto importante a ser considerado no caso de S. no que diz respeito à presença virtual, uma vez que desde o início o relacionamento esteve entre as publicações dos dois: “a gente postava sim bastante coisa da nossa relação nas redes sociais mesmo antes de namorar. Nada como declarações de amor etc, mas postava fotos juntos nos lugares e tal [...]”.

Se para S. a presença do relacionamento nos espaços das redes sociais digitais era intensa desde antes de oficializarem o namoro, com C., 18 anos, era justamente o contrário. Ela alterou o status para “em um relacionamento sério” apenas um ano após começar a namorar: “mas nesse período a gente sempre se marcava em publicações, em memes, vídeos, essas coisas.”. O namoro durou 2 anos e 4 meses e encerrou no final de março de 2017.

É interessante observar a presença digital de cada um dos entrevistados. Chama atenção o fato de que, para alguns, a performance do relacionamento é de grande relevância, enquanto para outros, algo a ser preservado. Tal situação ocorre devido ao que sugere Santos (2016) ao mencionar a predisposição à virtualização de cada um dos usuários.

Dois dos casais, por exemplo, terminaram a relação por meio de conversas via whatsapp: E., devido ao fato de morarem em cidades diferentes e V. atribui tal opção como alinhada ao perfil do casal mesmo. V. afirma que todas as discussões da relação ocorriam através do



aplicativo de mensagens, “porque eu sou muito tímida, e preferia jogar tudo pelo whats do que pessoalmente. E ele também”.

De todo modo, à sua maneira, os quatro casais evidenciavam, se não a relação de modo mais explícito, a cumplicidade que se fazia presente por meio das marcações frequentes dos assuntos de interesses individuais ou comuns ao casal, mantendo nas temáticas aquilo que destacamos em Sá e Polivanov (2012) definido por elas como “coerência expressiva”.

Enquanto há uma variação no modo como comunicam a relação nas redes sociais digitais, a ruptura obedeceu ao mesmo padrão quanto ao fato de todos optarem por ocultar o evento de mudança do status do relacionamento para solteiro(a) em suas linhas do tempo. As razões para esta escolha foram expressas de modos variados, mas as quatro refletem o sentimento de não querer, naquele momento, ter que se explicar socialmente ou ainda prevenir reações indesejadas por parte de suas redes de contatos.

E., por exemplo, explicou que foi uma decisão tomada em comum acordo: “a gente não queria que o povo ficasse perguntando o por quê, que colocassem carinho feliz ou carinho triste [...]”. Já S. demonstra uma preocupação maior em expor sua narrativa ao menos com uma parte de sua rede que ele considera mais próxima: “eu não estava afim de dar satisfação a ninguém, sem paciência mesmo, não era triste não [...], mas para quem eu precisei, eu falei, mandei whatsapp nos grupos, para alguns amigos [...]”. Neste sentido, vê-se refletidas aqui a ambivalência da internet, na medida em que o campo das relações sócio-simbólicas é traduzido pelo algoritmo da plataforma nas três dimensões das quais o menu do serviço *take a break* é ordenado (que foi chamado anteriormente *de si, do outro e dos demais*).

Entre o fim do relacionamento e a mudança de status no Facebook ocorreram situações bem variadas para cada um dos entrevistados. Percebe-se que após a discussão sobre a ruptura e todo o desgaste que ele pode acarretar, ir até as redes sociais digitais realizar esta mudança é como dar um ultimato à história do casal. Para as duas entrevistadas mais jovens, o luto que se seguiu foi relatado com bastante intensidade.

C., que estava muito abalada, só realizou a mudança após o seu parceiro fazê-la, quase um mês depois: “eu desativei minha conta ainda por uns quatro dias”. V. também estava bastante sensível à mudança. Esta ocorreu, ela calcula, só três semanas depois, e, assim como C., foi o seu parceiro quem mudou primeiro: “na primeira semana não conseguia fazer nada. Passei uns 3 dias sem conseguir sair de casa.”.

Nos outros dois entrevistados nota-se uma cumplicidade até nesta etapa de encerramento. E., que rompeu o relacionamento no dia 7, mudou o seu status no Facebook



apenas uma semana depois. A decisão foi tomada junto com o seu parceiro que foi até a sua casa para buscar alguns pertences: “eu mudei o status do relacionamento quando ele saiu de casa no dia 14 porque a gente fez um acordo de que a gente continuaria ‘namorando’ para a sociedade até o dia 14 [...]”. S. também demonstra a cumplicidade do casal no momento da ruptura: “ele me pediu que eu não tirasse ele, bloqueasse das minhas redes sociais e eu não fiz.”.

As questões que envolvem a relação entre os usuários e o Facebook no momento em que este último traz o menu para o gerenciamento da sua “nova relação” com o ex-parceiro permite uma análise sobre a experiência que a aprendizagem de máquina é capaz de desenvolver e a maneira como os interagentes humanos a interpreta. Propomos neste momento, duas perspectivas.

A primeira delas emerge a partir da reflexão de Perniola (1993) que sugere haver uma espécie de prefixação dos sentimentos do luto, neste caso, uma espécie de roteirização do fim que a ferramenta contribui para que ocorra de modo menos traumático. O segundo aspecto envolve a percepção da interação entre o usuário e a plataforma e o modo como este momento se fixa na memória que, uma vez evocada, pode implementar novas referências ao contexto que dizem mais respeito à sensação do que ao evento especificamente. Como explica Izquierdo (1989, p.103), “a memória (o *registro*) que guardamos de determinado fato pode não ser a do fato em si, senão da terceira ou da vigésima vez que o evocamos”.

No quesito contribuir para uma transição menos traumática todos os entrevistados concordaram. Embora C. tenha relatado um grande incômodo com as sugestões previstas pelo Facebook, ela admite que podem ter uma função interessante no sentido de minimizar os danos emocionais: “eu não tinha ouvido falar sobre essa nova ferramenta do Facebook, então eu desconhecia, mas quando eu vi eu fiquei tipo, ‘é sério que eles estão fazendo isso?’ [...] O meu fim do outro relacionamento foi muito traumático e se tivesse essa ferramenta eu com certeza teria utilizado.”.

E. acredita que o *Dar um tempo* pode ser muito saudável. Ao ser questionado como se sentiu quando se deparou com o recurso, ele pontuou:

Eu fiquei bem surpreso porque foi a primeira vez que eu vi essa opção. Eu já tinha acabado um relacionamento antes em 2013 e não havia isso não. A pessoa tinha que ir acessar o perfil da outra, deixar de seguir ou então bloquear, fazer essas coisas todas para poder parar de ver a pessoa aparecendo. Quando o Facebook mostra a possibilidade de você naquele momento ali já gerenciar como vai ser a sua nova relação com essa pessoa eu acho que foi mais prático e menos custoso do ponto de vista emocional porque é um saco: você acabou um relacionamento, você tá triste,

“você tá na fossa e você ainda tem que acessar a página do outro para poder deixar de seguir, é foda. E você ainda corre o risco de ver alguma coisa ou então de cair na tentação de ir lá vasculhar a vida da pessoa para ver o que ela postou, com quem ela saiu, essas coisas [...]”

Tais aspectos são interessantes porque trazem um olhar crítico em relação ao protagonismo e autonomia do usuário. E não perde de vista a dimensão de produto que a ferramenta apresenta e sua percepção é voltada de forma bastante pragmática a uma minimização dos dados emocionais e/ou recaídas possíveis de uma decisão outrora tomada.

Já a percepção de V. insere-se numa esfera de sentimento positivo em relação à plataforma. Suas lembranças do menu evocaram o cuidado que o Facebook teve quanto ao seu estado emocional. Ao ser questionada sobre este momento, V. narrou do seguinte modo: “[...] Deu uma mensagem do tipo: sei que momentos assim são dolorosos, você deseja que o Facebook apague todas as suas lembranças com a pessoa?”. Ela recorda ainda que a ferramenta sugeriu apoio psicológico: “Não lembro se foram com essas palavras, mas teve esse sentido. Apareceu até uma bonequinha! Tipo um emoji grande.”.

A relação mais pessoal com a plataforma possivelmente reflete o vínculo com o ambiente e os significados que o digital ocupa na rotina de V.. Na entrevista, ela ressaltou a sua presença individual nos espaços das redes sociais digitais, bem como o papel que elas ocupavam na manutenção do seu namoro (como foi visto, todas as discussões sobre sua relação amorosa aconteceram por meio desses aplicativos). Ao final, mesmo entre aspas<sup>8</sup>, V. se considerou “acolhida” pelo Facebook.

Um aspecto intrigante na entrevista com V. é que ela afirmou que após a mudança de status, as notificações sobre o seu ex-namorado pararam de chegar, mesmo sem ela ter feito esta solicitação. Diante das opções do *Dar um tempo*, supõe-se que seu ex-parceiro tenha utilizado a opção de restringir as visualizações dela a respeito dele.

Outro aspecto que merece destaque quanto à aprendizagem de máquina do Facebook ocorreu com S. Tanto na sua rede como na de seu ex-namorado constava apenas a opção “em um relacionamento sério”, mas nenhum dos dois identificava com quem. Ao ser questionado se lembrava das perguntas que a plataforma disponibilizou, S. afirmou: “eu estava tão abusado

---

<sup>8</sup> V. foi a única entrevistada que preferiu apenas escrever e não falar. Todas as entrevistas foram realizadas por meio do Whatsapp, majoritariamente por áudios, mas também algumas conversas textuais.



que nem prestei muita atenção. Primeiro eu pensei, como é que ele sabe que eu estou namorando com X.? Claro que ele sabe, enfim, *big data*, né, a gente conhece o *big data* [...]”.

A reação de S. demonstra que há, por parte de alguns interagentes, o conhecimento acerca das possibilidades de uso de seus dados, mas que isto não parece ser um problema. O anonimato, uma das forças “que evita a transformação do controle técnico dos pacotes de dados em controle imediato do comportamento e das ações das pessoas” (SILVEIRA, 2010, p.75) não parece ocupar lugar central na economia das atuais plataformas de redes sociais digitais.

Como já relatado, apesar do namoro de S. ter terminado de forma pacífica e sem desconexões em um primeiro momento, estas ocorreram mais tarde quando S. afirmou que fez o procedimento de apagar os rastros de seu ex-namorado sem a ajuda do *Dar um tempo*:

No começo eu era completamente contra apagar as fotos com ele porque ele faz parte da minha história, nunca vai deixar de fazer. Muita coisa acho que não merecia ser apagada, mas eu pensei bem e as coisas não precisam estar no meu feed, elas estão guardadas aqui no meu computador, comigo e tal. Meu feed é uma coisa pública, então se eu fosse conhecer pessoas novas, ter fotos com o ex não é muito legal. As fotos que permaneceram são fotos de galera que ele aparece que eu não queria apagar também.

S. reforça em sua fala que uma briga o teria motivado a rever o seu perfil. Todavia, ele afirma que esta seria uma motivação superficial: “[...] o motivo principal é que eu estava conhecendo novas pessoas e as pessoas iriam me stalkear de alguma forma e iam ver que ele estava lá”. Mais uma vez, a noção de construção de uma imagem pública de si é apresentada com bastante clareza e consciência por parte de quem a elabora.

A identidade digital torna-se complexa, na medida em que há um planejamento para exposições ou não de determinados aspectos da vida e, especialmente, para quem estes aspectos devem ser ocultados ou não. Há, como se percebe, um gerenciamento de uma nova fase da vida que os interagentes sentem a necessidade de um reordenamento para construção de sua nova condição social.

### **Considerações finais**

Se o ritual de ruptura de um relacionamento encontra novos momentos que envolvem “encerrar” a relação em diversos espaços digitais distintos, esta pesquisa revelou que o recurso *Dar um tempo* torna-se um elemento capaz de facilitar esta etapa, especialmente nos casos





particulares em que o luto ainda se faz tão presente. A possibilidade de reordenamento da narrativa e ocultação do passado também foi destacado por alguns usuários como importante recurso para seguir adiante.

No atual contexto social, pesquisadores pontuam que “nosso passado dependia muito menos da informação que o presente” (WU, 2012, p.13) e isto envolve especialmente o uso de nossos dados pessoais, seja por nós mesmos, seja pelas plataformas as quais confiamos tais conteúdos. Neste cenário de organização de nossas próprias informações, a plataforma sugere um novo serviço para lidar com a situação de modo menos traumático e, diante da capacidade de predição de nossos passos seguintes, elabora saídas estratégicas consideradas positivas pelos usuários.

Para tal compreensão, refletiu-se sobre a complexidade das redes, seus sistemas autônomos de aprendizados que permitem a criação de produtos desta natureza, apontando os aspectos diversos e confusos que eles podem ter, propiciando, em algumas situações, aplicações pouco éticas. Apesar de um cenário em que, conforme destaca Silveira (2010), houve um projeto de eliminação do anonimato na internet em nome de coibir práticas reprováveis que se estendeu de forma basicamente homogênea nas plataformas, os ciberviventes parecem constituir suas interações sócio simbólicas com os *bits* e *bytes* de forma bastante consciente de suas identidades (SÁ; POLIVANOV, 2012).

Neste contexto, os sentimentos são organizados, mensurados e articulados, de modo que revelam a provocação de Perniola (1993) acerca de uma predeterminação dos sentimentos e a maneira como nos relacionamos com ele. Entre o reconhecimento do produto à sensação de acolhimento, os entrevistados concordaram que o Facebook permite uma transição menos traumática na medida em que “ajuda” o usuário a lidar com os dados disponibilizados sobre o relacionamento. Ainda que estes não estejam tão explícitos em comandos (em um relacionamento sério com X), mas está em relação aos fluxos de interação e a consequente geração de dados e metadados, como pudemos observar no caso de S..

Tais conclusões corroboram com o pensamento de Harari (2016) na medida em que a ferramenta toma decisões tão assertivas que seria um equívoco não aceitar as suas sugestões. Por outro lado, estas sugestões só são possíveis porque houve o reconhecimento de um padrão no hábito dos sujeitos neste momento específico que é a ruptura de um relacionamento.

Entende-se que a escolha por entrevistar quatro pessoas que passaram recentemente pela experiência com o *Dar um tempo* permitiu compreender melhor cada um dos relacionamentos e modos de atuação de suas narrativas no Facebook, antes e depois da ruptura, identificando



distanciamentos e aproximações possíveis. Não foram considerados neste grupo um perfil muito heterogêneo no que diz respeito à educação formal, sendo todos eles ou estudantes universitários ou pessoas que já possuem pós-graduação, por exemplo. Ademais, são pessoas com um bom letramento digital (*literacy*), o que possivelmente interfere na relação entre o interagente e a plataforma.

Um aspecto que chamou atenção, apesar de não ser elemento central desta pesquisa foi o fato de que a entrevistada mais jovem (18 anos) foi a que teve maior resistência ao serviço oferecido pelo Facebook. Questionamos, portanto: são os jovens nascidos no mundo dos algoritmos os mais preparados para compreender melhor as relações que ocorrem nesses espaços digitais?

### Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**: diálogos com David Lyon. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta e FIRMINO, Rodrigo (orgs.). **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Trad. Maurício Santana Dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

Duarte, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. pp. 62-83.

GALLOWAY, Alexander R.. Qual o potencial de uma rede? In: Silveira, Sérgio Amadeu da (org.). **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. p.87-100

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HAZELWOOD, Kim *et al.* Applied machine learning at Facebook: a datacenter infrastructure perspective. **Facebook Research**, 2017. Disponível em: <https://research.fb.com/wp-content/uploads/2017/12/hpca-2018-facebook.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. In: **Estudos Avançados**, v.3, n.6. São Paulo: USP, 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522/10073>. Acesso em 25 de outubro de 2017.



LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social**: una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.

O'NEIL, Cathy. “Gaydar” shows how creepy algorithms can get. **Bloomberg**, 25 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-09-25/-gaydar-shows-how-creepy-algorithms-can-get>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2012.

PERNIOLA, Mario. **Do sentir**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SÁ, Simone Pereira de; POLIVANOV, Beatriz Brandão. Materialidades da comunicação e presentificação do sujeito em sites de redes sociais. **XXI Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, 2012.

SALAS, Javier. Se está na cozinha, é uma mulher: como os algoritmos reforçam preconceitos. **El País**, 23 de setembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015\\_847097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015_847097.html). Acesso em 23 de setembro de 2017.

SANTOS, Deborah. O amor nos tempos de *Facebook*. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ambivalências, liberdade e controle dos ciberviventes. In: Silveira, Sérgio Amadeu da (org.). **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. p.63-86.

\_\_\_\_\_. **Tudo sobre tod@s**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

WU, Tim. **Impérios da comunicação**: do telefone à internet, da AT&T ao Google. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.